

ESTUQUE. UMA OBRA DO PATRIMÔNIO

AIRES, Anderson P.¹; MANZOLLI, Cristiane¹, POLLNOW; Edilson N.²; GATTO Darci³; GONÇALVES, Margarete R. F.⁴; POLIDORI, Maurício C.⁵

1 - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil
anderson.pires.aires@gmail.com; crismanzolli@hotmail.com

2 - Curso de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil
edilson.pollnow@hotmail.com

3 - Co-orientador e professor do Curso de Engenharia Industrial Madeireira da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil
darcigatto@yahoo.com

4 - Orientadora e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Engenharia de Materiais da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil
margaretefg@gmail.com

5 - Colaborador e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, RS, Brasil
mauricio.polidori@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Pelotas dispõe de importante patrimônio edificado caracterizado por construções dos séculos XVIII e XIX, que apresentam os mais diferentes códigos estéticos e arquitetônicos, havendo o predomínio do ecletismo. Devido às características históricas de seus prédios, em 1982, foi promulgada a Lei Municipal nº2708 que dispõe sobre a proteção do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade, onde se inclui o processo de Tombamento. A partir daí ações de preservação e restauração de seus prédios históricos passaram a acontecer, visando à conservação das origens culturais e sociais dos cidadãos pelotenses, tais como a inclusão da cidade no grupo das vinte e seis que participam do Programa Monumenta do governo federal, coordenado pelo Ministério da Cultura.

No patrimônio edificado pelotense é observado o uso de um sistema construtivo, denominada estuque, usada na construção e no revestimento de paredes e forros. A falta de informação sobre essa antiga técnica construtiva, no tocante aos materiais e a mão-de-obra utilizada, tem resultado em intervenções ineficientes e efêmeras e despertado em muitos profissionais do ramo da construção civil a busca do conhecimento técnico para conservá-las e/ou restaurá-las. Em razão disso e considerando a importância da execução de eficientes obras de restauro, nessa pesquisa, buscou-se o conhecimento da técnica do estuque no Brasil e no mundo e identificou-se os prédios do Centro Histórico de Pelotas que utilizaram essa técnica em sua construção e quais já passaram por processo de restauro.

2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho, inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a técnica de estuque na Europa e Brasil, em livros, artigos e documentos históricos, e, posteriormente, um levantamento cadastral no Inventário da cidade de Pelotas seguido de visitas aos prédios do Centro Histórico, identificados como detentores da técnica do estuque. Durante as visitas

foi realizado um levantamento fotográfico e coletadas amostras nos Casarões 8, 6 e 2, localizados na Praça Coronel Pedro Osório, escolhidos pela riqueza de elementos em estuque e pela disponibilidade de acesso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A técnica do estuque, de origem oriental, desde a antiguidade clássica, foi amplamente aplicada na arte romana para a execução de paredes, tetos e revestimentos (fig. 1).

O uso de materiais pobres nas paredes e tetos e a necessidade de um tratamento capaz de esconder essa primitiva rudeza, fez com que os romanos, para cobrir essas superfícies toscas e colunas formadas por tijolos, se utilizassem de uma camada de argamassa, onde inseriam pintura ou uma decoração modelada, conhecida como estuque. Essa massa constituída por cal, areia fina e pó de mármore, após colorida com pigmentos tirados da terra, era usada para a produção de peças decorativas (ornatos) que eram polidas com óleo de linho ou protegidas com cera (fig.1a), ou era usada para moldar no local revestimentos de tetos (fig. 1b) e paredes (fig. 1c).

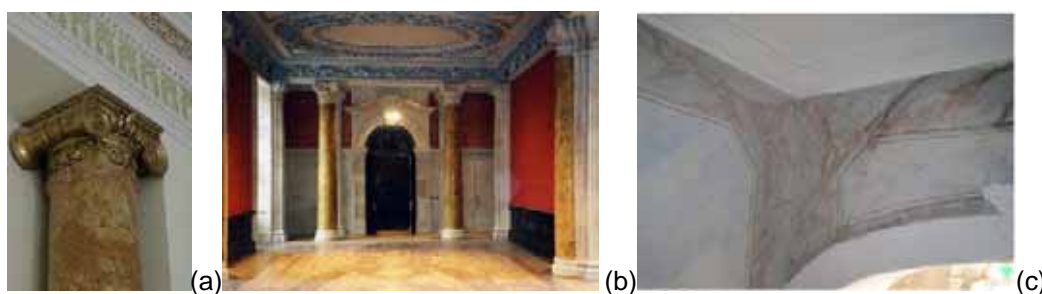


Figura 1: Exemplos de revestimentos de estuque.

Fonte: Fotos a e b - <http://www.scagliola.co.uk/>; Foto c - foto tirada pelos autores, em 2009.

A possibilidade de combinação de materiais e técnica no estuque proporcionava uma textura complexa e uma riqueza de cores não disponíveis em pedras naturais e foi, por isto, utilizado como um substituto eficaz para incrustações de mármore caro (fig. 1a).

O estuque de revestimento de parede, conhecido como Veneziano, Scagliola (Escaiola) e Finto Marmo (Marmorino), consiste em uma pintura colorida e polida (fig 1c) e o de forro, conhecido como Rocaille e, em Portugal, como Tectos de Estuque Pombalinos, consiste em esculturas feitas manualmente no teto com argamassas diversas, representando motivos que envolvem frutas, flores, figuras antropomórficas, estações do ano, animais, plantas, conchas, adornos e ramos de flores, molduras e sancas e geometrias que envolvem curvas (fig. 1b).

Além do revestimento de estuque, este constituído de uma massa de cal e areia fina também era usado para preencher os interstícios de uma armação de sarrafos de madeira, denominado fasqueado, na construção de paredes internas e forros (fig. 2).

Assim como outras técnicas construtivas, o estuque sofreu descontinuidade em sua história no período da arquitetura românica e gótica, renasceu por meio dos construtores do Renascimento e foi considerado material de excelência dos

períodos Barroco, Rococó e Eclético, ambos caracterizados pelo uso excessivo de ornamentos usados na decoração casas e palácios. Após o renascimento, inúmeras técnicas para a preparação do estuque se desenvolveram. Estas se utilizavam de diversos materiais como o pó de mármore, a cal, o gesso, areia bem fina, pigmentos naturais e, a partir do século XIX, o cimento Portland.

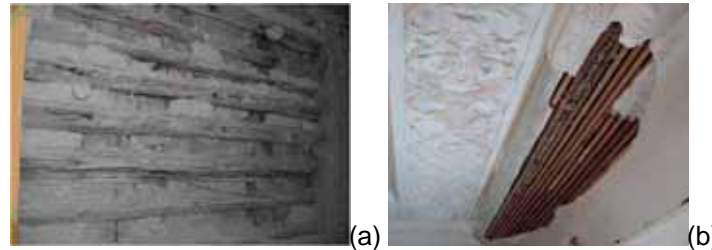


Figura 2: Fasqueado de parede de estuque (a) e de forro (b).
Fonte: Fotos tiradas pelos autores, em 2010.

A partir da segunda metade do século XVIII, em Portugal, na fase de “redescoberta”, o Marquês do Pombal cria a Escola de Estuques e Desenho na Real Fabrica das Sedas (1764), que seria dirigida pelo milanês João Grossi, por trinta e dois anos.

No Brasil, o estuque foi largamente utilizado do início do século XVIII até as primeiras décadas do século XX. No intervalo de tempo que abrange a Arquitetura Imperial, de cunho classicista, e a Arquitetura Eclética.

A cidade de Pelotas, foco desse estudo, dispõe de importante patrimônio edificado caracterizado por construções dos séculos XVIII e XIX, que apresentam os mais diferentes códigos estéticos e arquitetônicos, havendo o predomínio do ecletismo. Nas construções pelotenses é observado o uso do estuque de parede (fig 2a), forros (fig 2b) e de revestimento (fig. 1c).

Em Pelotas essa pode ser encontrada em inúmeros cômodos dos prédios dos Casarões Ecléticos que compõem o seu Centro Histórico. As fig. 3a, 3b e 3c apresentam exemplos disto.

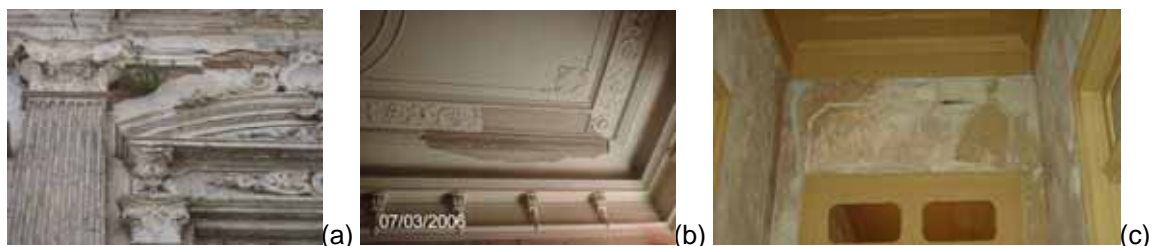


Figura 3: Exemplos de estuques existentes nos Casarões do Centro Histórico de Pelotas, RS. Estuques de fachada (a), de teto (b) e de parede (c). Fonte: fotos tiradas pelos autores, 2010.

Nas salas mais nobres como jantar e estar estão presentes os ornatos de forro com temas que caracterizam o uso da sala, como pode ser visto na figura 4.



Figura 4: Forro da Sala de Estar do Casarão 6, prédio do Centro Histórico de Pelotas, RS.
Fonte: foto tirada pelos autores, 2010.

4 CONCLUSÕES

Em função dos dados obtidos no desenvolvimento desta pesquisa, resumidamente, pode-se concluir:

1. O levantamento bibliográfico mostrou que existem diferentes tipos de estuque e que a sua evolução esta diretamente ligada aos estilos arquitetônicos de época.
2. No Inventário do patrimônio cultural de Pelotas não estão identificadas as construções que possuem estuque.
3. Nos Casarões de Pelotas percebe-se a presença de estuque de parede, de teto e de revestimento (interno e externo).
4. Nos casarões de Pelotas, nos locais onde o estuque foi refeito, não estão disponibilizadas informações sobre a técnica de reconstituição empregada.
5. Para o conhecimento efetivo da composição dos estuques dos casarões em Pelotas são necessários ensaios de caracterização laboratorial de composição química, física e mecânica de seus constituintes, a madeira e a argamassa, os pigmentos, etc..
6. Em razão da variabilidade dos estuques dos casarões em Pelotas, indica-se que o restauro seja precedido de um estudo de composição e identificação de materiais antigos ou novos para uso em sua reconstituição.

5 REFERÊNCIAS

- (1) WARD, Philip. **La conservacion del patrimonio: carrera contra reloj**. Marina del Rey: The Getty Conservation Institute, 1992.
- (2) MASCARENHAS, Alexandre Ferreira; FRANQUEIRA, Márcia. Estuque Ornamental: História e Restauro. **Revista Brasileira De Arqueometria, Restauração E Conservação**. AERPA Editora. v. 1, n. 2, pp. 001 – 006, 2007
- (3) SILVA, Helena Aparecida Ayoub; COSTA, Sabrina Studart Fontenele; BAROSSO, Antonio Carlos; MARTIN, Antonio Luis Ramos Sarasá. A Consolidação Dos Forros Da Vila Penteadado - Em Estuque Estruturado Por Fasquias De Juçara. **Revista Brasileira De Arqueometria, Restauração E Conservação**. AERPA Editora. v. 1, n. 6, pp. 001 – 006, 2007
- (4) <http://www.estuque-decorativo.com.pt/>
- (5) <http://www.scagliola.co.uk/>
- (6) <http://marmorino.org/>
- (7) <http://www.catep.com.br/dicas/ESTUQUE%20VENEZIANO.htm>
- (8) <http://www.monsterguide.net/lang/pt/build-stucco-house.shtml>
- (9) <http://www.scribd.com/doc/7250512/Conserv-Estuque-Ornamental-Historico>